Paula Pereira
Texto entregue em 30 agosto 2025

A SÍRIA PÓS-ASSAD

Após 54 anos de uma ditadura violenta, dirigida pela família Assad, a Síria entrou numa nova fase de transição, com fortes implicações internas e, neste momento incertas, que constitui uma reconfiguração das alianças na região, uma alteração geopolítica do Médio Oriente e um reposicionamento das potências globais.

É necessário relembrar o contexto histórico da Síria para uma melhor análise da atualidade. A Síria, como grande parte dos Estados que hoje compõem a região do Médio Oriente, em particular a região do "Crescente Fértil", tem uma história rica. "A Síria é um país jovem numa terra antiga" (*Syria is a young country in an ancient land*) (Phillips, 2020).

Viu florescer civilizações e impérios (Elba), foi ocupada por sucessivos outros impérios, Acádio, Assírio, Babilónico, Romano, Otomano, entre outros.

À semelhança de muitos outros Estados da região do Médio Oriente, o mapa da Síria do século XX foi desenhado durante a I Guerra Mundial, pelo acordo Sykes-Picot, negociado entre a França e o Reino Unido em 1916. Este acordo viria a ser confirmado pela Sociedade das Nações, no início da década de 1920, que coloca a Síria e o Líbano sob mandato da França.

A política francesa na Síria assenta no apoio das comunidades religiosas do território como forma conter os movimentos pan-árabes e o nacionalismo que se afirmava na região desde o final do século XIX. É nesse período que a França, contra a vontade das forças políticas existentes – que desejavam criar Estados Árabes modernos e laicos, separando assim religião e política – divide a Síria em quatro Estados, com base nas comunidades religiosas: Estado Alauita, Estado Druso, Estados Sunitas de Alepo e Damasco.

A independência da Síria será proclamada em 1941, mas apenas será efetiva em 1946, após a II Guerra Mundial.

Após um longo período de instabilidade em razão de sucessivos golpes de Estado, Hafez al-Assad toma o poder em 1970 através de mais um golpe de Estado e torna-se Presidente da Síria em 1971, até à sua morte no ano 2000.

Bashar al-Assad sucede ao pai nesse mesmo ano. De início pensou-se que Bashar al-Assad poderia definir orientações políticas diferentes das do pai e conduzir reformas no sentido da modernização do sistema político, económico e social da Síria. Essa esperança foi alimentada pelo facto de Bashar al-Assad se ter formado na área da saúde em Londres. Aliás, o período entre 2000 e o outono de 2001 ficou conhecido como a "Primavera de Damasco" (*Damascus Spring*) (Phillips, 2020, p 14). O regime, até à sua queda, foi dos mais repressivos e autoritários, culminando na guerra civil que começou com as revoltas árabes, ou "Primaveras Árabes", em 2011.

> Com a guerra civil, para além da destruição física, a Síria enfrentou uma fragmentação social e política sem precedentes. A diversidade étnica e religiosa do país, outrora um elemento da sua riqueza cultural, transformou-se num fator de divisão e de conflito.

A guerra civil

As revoltas árabes tiveram início na Tunísia em 2011 e contagiaram o Norte de África e Médio Oriente em poucas semanas. De Marrocos ao Irão, as populações revoltaram-se com o objetivo de forçar alterações políticas, económicas e sociais. Os resultados imediatos foram diferentes em cada um destes Estados. Na Síria, as manifestações pacíficas da população "evoluíram para um dos conflitos mais complexos e devastador do Século XXI" (Zarar, Imtiaz, & Zeeshan, 2025, p. 755).

A Síria sempre foi um país no centro de numerosas dinâmicas geopolíticas e estratégicas. Desde 2011, a Síria transformou-se num campo de batalha para potências regionais e internacionais.

A multiplicidade de intervenientes e a diversidade de comunidades étnico-religiosas na guerra civil da Síria, tanto internos como externos, revela a importância da posição geoestratégica da Síria para certas potências regionais e internacionais.

Os atores na guerra civil foram múltiplos desde o seu início. O apoio de potências regionais e internacionais contribuíram para o arrastar do conflito (Hall, 2025) durante treze anos, assim como para os seus impactos devastadores na população síria.

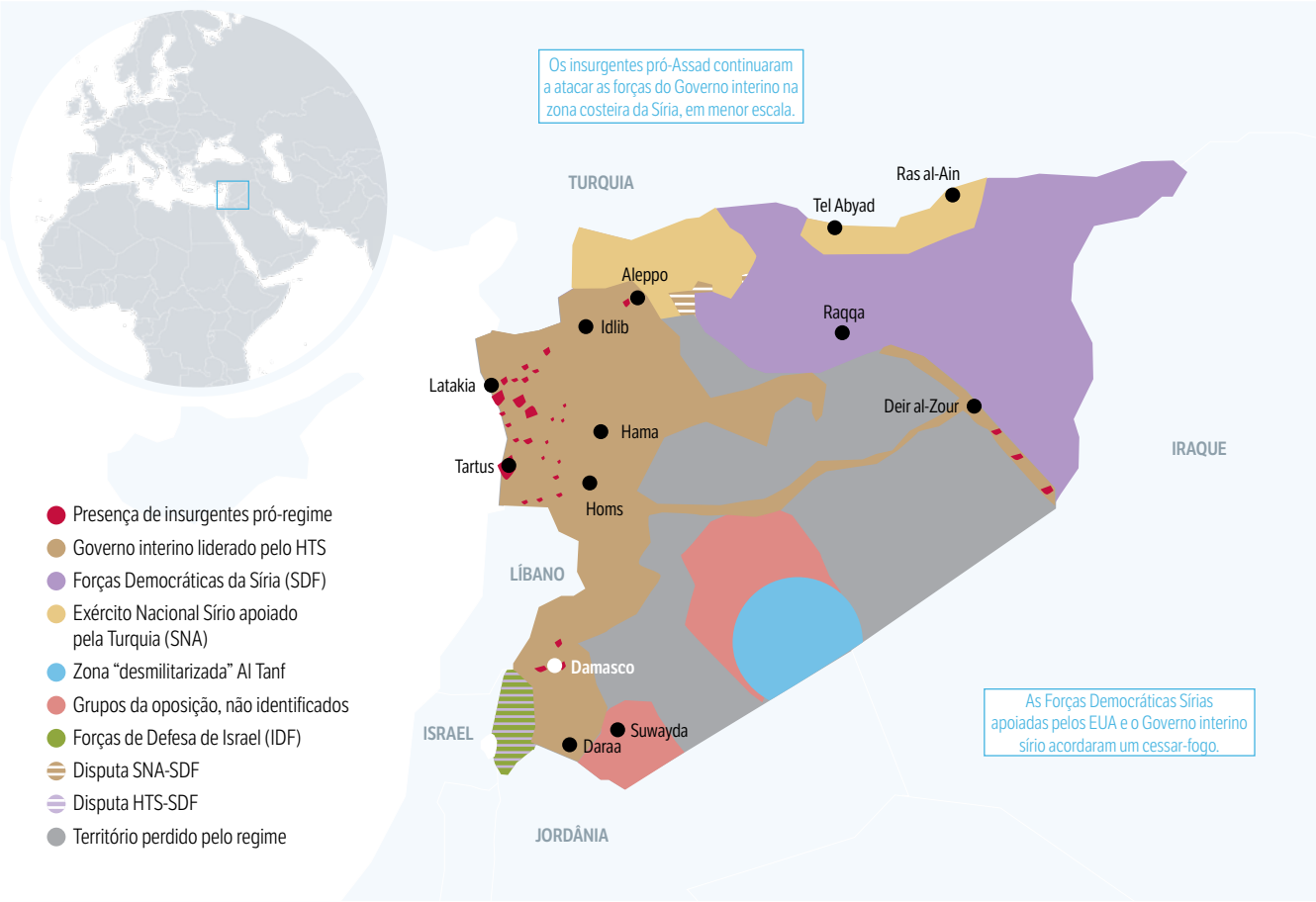
Bashar al-Assad apenas se manteve no poder até 2024 com o apoio, em particular, de dois atores internacionais, o Irão e a Rússia. Para o Irão, o regime de Assad permitia-lhe alargar a sua influência e presença na região. Proporcionava um acesso direto ao Mediterrâneo e proximidade do Líbano, essencial para o apoio, principalmente em equipamentos militares, ao Hezbollah, força aliada do Irão ao longo dos anos, nomeadamente no seu combate e desestabilização do Estado de Israel. O Irão mantinha uma presença significativa na Síria através dos Guardas da Revolução, especialmente das forças especiais dessa entidade com atuação externa, a força Al-Quds.

A Rússia, por sua vez, trocou o apoio ao regime de Bashar al-Assad pela presença militar acrescida na região, o que lhe permitiu manter uma base militar no território e, sobretudo, garantir a utilização do porto de Tartus, o segundo maior porto sírio no Mediterrâneo. Representa para a Rússia uma posição geoestratégica fundamental na prossecução da sua ambição política e estratégica enquanto potência global.

Envolveram-se na guerra civil outros atores regionais, nomeadamente Israel, que conduziu várias operações militares em território sírio, nomeadamente contra forças iranianas. Também a Turquia lançou operações militares no norte da Síria contra a influência curda, bem como para consolidar a sua influência regional. A posição dos

FIGURA 1. CONTROLO DO TERRITÓRIO NA SÍRIA (SITUAÇÃO EM MARÇO DE 2025)

Fonte: Institute for the Study of War and AEI's Critical Threats Project, 2025.



países do Golfo em relação à Síria, nomeadamente a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos, foi variando ao longo do conflito. No início do conflito, estes países começaram por apoiar grupos rebeldes, tendo certos Emirados restabelecido progressivamente as suas relações diplomáticas com Damasco com o objetivo de fazer face à influência do Irão.

No que concerne aos atores internos, o regime de Bashar al-Assad foi combatido por uma diversidade de grupos rebeldes, Com a guerra civil, para além da destruição física, a Síria enfrentou uma fragmentação social e política sem precedentes. A diversidade étnica e religiosa do país, outrora um elemento da sua riqueza cultural, transformou-se num fator de divisão e de conflito. As tensões entre diversas comunidades – sunitas, alauitas, curdos, cristãos, drusos, para além da intervenção de grupos terroristas, nomeadamente o Daesh, e Hayat Tahrir al-Sham – exacerbaram-se ao ponto de ameaçar a integridade territorial do país (Figura 1).

As ambições de autonomia dos Curdos, no nordeste sírio, apoiados pelos Estados Unidos no combate ao Daesh, levaram a um confronto direto com a Turquia, que considera as Forças Democráticas Sírias (FDS) como uma extensão do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (*Parti Karkerani Kurdistan* – PKK).

Os confrontos e a atuação do regime de Bashar al-Assad levaram à deslocação de milhões de pessoas dentro do território sírio mas também para fora das fronteiras. Os primeiros a receber a maior proporção de deslocados sírios foram os países vizinhos. Segundo a Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), a guerra civil na Síria levou mais de sete milhões de cidadãos a procurarem proteção fora do território, desde 2011, sendo, naquele momento, a maior crise humanitária mundial. A Turquia recebeu o maior número, segundo números do governo da Turquia, com um total estimado, a 17 de julho de 2025, de mais de 2 milhões e meio de deslocados, seguindo-se o Líbano, a Jordânia, o Iraque e o Egipto.

FIGURA 2. TOTAL DE REFUGIADOS SÍRIOS REGISTADOS, POR PAÍS DE ASILO

Fonte: Alto Comissariado das Nações Unidas sobre Refugiados (ACNUR/UNHCR), consultado em julho de 2025.
https://data.unhcr.org/en/situations/syria

Total 4.308.032 (a 17 de julho de 2025)

País	Fonte	Data	% do total de refugiados sírios	N.º de pessoas
Turquia	Governo da Turquia	17 Jul 2025	60,5%	2.605,508
Líbano	UNHCR	30 Jun 2025	16,6%	716,312
Jordânia	UNHCR	30 Jun 2025	11,9%	511,177
Iraque	UNHCR	30 Jun 2025	7,0%	301,670
Egito	UNHCR	30 Jun 2025	3,0%	130,082
Outros (Norte de África)	UNHCR	31 Dec 2023	1,0%	43,283

(Figura 2). Também os Estados-membros da União Europeia receberam um grande número de deslocados. Aproximadamente 1,4 milhões de pessoas pediram e obtiveram, entre 2015 e 2023, proteção na UE, sendo que a Alemanha recebeu mais de metade (Vignon, 2024). Para a comunidade internacional, em particular para os Estados mais afetados pela deslocação de população síria, a resolução da situação síria é fundamental.

A queda do regime de Bashar al-Assad

A 24 de novembro de 2024, as fações rebeldes sírias, encabeçadas pelo grupo Hayat Tahrir al Sham (HTS), partindo do noroeste da Síria (a região de Idlib), lançam uma ofensiva, destabilizando a linha de frente congelada há vários anos. No espaço de onze dias, os rebeldes conquistam Alepo, Hama, Homs e Deraa, para chegarem a Damasco a 8 de dezembro de 2024, forçando Bashar al-Assad a abandonar o território sírio e a procurar asilo na Rússia.

O grupo HTS orquestrou um ataque militar planeado durante um ano, integrando uma rede de drones, uma coordenação entre os grupos do noroeste (HTS) e do sul, com operações sincronizadas em torno de Damasco (Christou, 2024). O foco russo na Ucrânia, as dificuldades do eixo Irão-Hezbollah, a intervenção de Israel contra o Hezbollah e a suposta concordância e apoio da Turquia enfraqueceram a posição do regime de Assad, facilitando o avanço dos rebeldes (Hall, 2025, p.45).

Com a fuga de Assad o seu regime ruiu. Os rebeldes libertaram prisões, os símbolos *baathistas* foram desmantelados e uma atmosfera de celebração invadiu parte da Síria, em particular Damasco e Alepo. Ahmed al-Sharaa, também conhecido como Abu Mohammed al-Joulani, líder do HTS, tornou-se a figura central do novo poder sírio após a queda do regime. Al-Joulani era considerado um terrorista por uma parte dos Estados da comunidade internacional, nomeadamente Estados Unidos da América e membros da União Europeia. Contudo, considerando a situação síria desde a década de 2010, Ahmed al-Sharaa representa uma possível solução para a estabilização e condução de um processo de transição na Síria, razão pela qual o líder sírio recebeu muito rapidamente o apoio de grande parte da comunidade internacional.

Em dezembro de 2024, al-Sharaa anunciou a integração de todos os grupos armados sob a autoridade do Ministério da Defesa, com a exceção das forças curdas (FDS) mantendo, contudo, uma colaboração com estes grupos. Foram também registados vários confrontos e execuções contra diversas comunidades, nomeadamente os cristãos, os drusos e os alauitas, estes últimos pela proximidade que mantinham com o antigo regime de Bashar al-Assad. Esta situação coloca o Presidente interino, Ahmed al-Sharaa, numa posição delicada perante a comunidade internacional. De facto, o novo Estado sírio é regularmente acusado de violação dos direitos humanos. Al-Sharaa tinha-se comprometido a proteger todas as comunidades presentes no seu território, à semelhança do modelo de administração que tinha aplicado na região de Idlib durante a guerra civil.

> A queda do regime de Bashar al-Assad, em dezembro de 2024, marca uma rutura histórica após mais de uma década de guerra civil, redesenhando os equilíbrios internos e regionais.

A nível internacional, Ahmed al-Sharaa reuniu com delegações estrangeiras (Reino Unido, França, Catar, EUA, entre outras), afirmando querer instaurar um Estado de direito, conseguir o fim das sanções e organizar eleições num prazo de quatro a cinco anos. Os EUA, bem como a União Europeia levantaram as sanções, ou parte delas, no sentido de dar apoio à transição e garantir um desenvolvimento que permita a estabilização política e económica na Síria.

Conclusão

A queda do regime de Bashar al-Assad, em dezembro de 2024, marca uma rutura histórica após mais de uma década de guerra civil, redesenhando os equilíbrios internos e regionais. A ascensão de Ahmed al-Sharaa, antigo líder rebelde do Hayat Tahrir al-Sham, ilustra a transformação de uma insurreição radical em poder estatal, na procura da legitimidade. Embora a transição abra uma janela de oportunidade para reconstruir instituições e restaurar uma soberania fragmentada, ela permanece frágil e sujeita a múltiplas incertezas.

A centralização progressiva dos grupos armados sob um Ministério da Defesa renovado, a dissolução do Partido Baath e as promessas de eleições testemunham de uma vontade declarada de romper com o passado autoritário. No entanto, as tensões persistentes com as forças curdas e, entre outros assuntos a persistência da lógica de vingança limitam o alcance dessa recomposição. No plano internacional, o reconhecimento do novo poder dependerá da sua capacidade em garantir a estabilidade, conter os excessos autoritários e fomentar a cooperação em questões humanitárias e de segurança.

A Síria pós-Assad encontra-se numa encruzilhada. A consolidação de uma nova ordem política assentará num equilíbrio delicado entre a inclusão das diferentes componentes da sociedade, o restabelecimento de um mínimo de segurança e a retoma económica. Sem avanços tangíveis nestes três domínios, existe um risco elevado de a transição se transformar numa nova fase de fragmentação e conflito. O sucesso de al-Sharaa dependerá menos da sua vitória militar do que da sua capacidade em transformar o capital político adquirido na guerra num projeto estatal sustentável e reconhecido. ●

Referências

Christou, William (2024). *Syrian rebels reveal year-long plot that brought down Assad regime*. The Guardian, 13.12.2024 (consultado a 21 de Julho de 2025). www.theguardian.com/world/2024/dec/13/syrian-rebels-reveal-year-long-plot-that-brought-down-assad-regime?

Hall, Natasha (2025). With the Fall of Assad, Can Syria Rise?, *Survival*, 67: 1, 45-54, DOI: 10.1080/00396338.2025.2459015

UNHCR (2024). *Data and Statistics, Global Trends*. United Nations High Commissioner for Refugees. www.unhcr.org/global-trends-report-2024?page=14

UNHCR (2025). *3RP Regional Strategic Overview 2025*. United Nations High Commissioner for Refugees. https://data.unhcr.org/en/documents/details/113353

Vignon, Jérôme (2024). *Le retour précipité des réfugiés syriens ne serviraient pas les intérêts européens*. Blogspot, Institut Jacques Delors. https://institutdelors.eu/publications/le-retour-precipite-des-refugies-syriens-ne-servirait-pas-les-interets-europeens/

Zarar Bin Saleem, Imtiaz Khan, & Zeeshan Khurshid. (2025). The Fall of Bashar al-Assad: Implications for Syria and the Broader Middle East. *Dialogue Social Science Review* (DSSR), 2(5), 752–764. Retrieved from https://thedssr.com/index.php/2/article/view/176